

Diretor diz que BC pode 'intensificar' alta dos juros

Carlos Hamilton afirma que Banco Central não será complacente com a inflação e emenda: 'para bom entendedor, pingo é i'

Victor Martins
Francisco Carlos de Assis
ENVIADOS ESPECIAIS
FLORIANÓPOLIS

A duas semanas da reunião que decidirá a taxa básica de juros da economia (Selic), o diretor de Política Econômica do Banco Central, Carlos Hamilton Araújo, elevou o tom e disse que a instituição não será complacente com a inflação. Durante apresentação do Boletim Regional do BC ontem, deixou claro que, se necessário, a cúpula da instituição pode intensificar o aperto monetário, e emendou: "Para bom entendedor, pingo é i".

A expressão usada por Hamilton é simbólica, depois de o Comitê de Política Monetária (Copom) surpreender o mercado em seu último encontro, quando elevou a Selic de 11% ao ano para 11,25% ao ano. O movimento não era esperado pelos analistas, que apostavam majoritariamente na manutenção da Selic. O serviço AE Projeções, da Agência Estado, ouviu 84 analistas e nenhum colocava suas fichas em uma alta dos juros.

A fala de Hamilton pode ser interpretada como um recado aos pessimistas. O diretor do BC vê uma retomada da economia a partir de 2015 e a conver-

gência da inflação para a meta a partir de 2016. O discurso de ontem foi ainda um contraponto ao que o diretor ouviu nas reuniões trimestrais com economistas na semana passada — uma no Rio e três em São Paulo.

Resposta. Nesses encontros, os analistas enfatizaram a preocupação deles com o baixo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) no ano que vem, a elevada taxa de inflação e a manutenção da política fiscal expansionista. Hamilton deu uma resposta dura a essas avaliações. "Se faz oportuno lembrar que o Comitê sinalizou que se manterá especialmente vigilante, dados os elevados níveis de inflação e o balanço de risco menos favoráveis. Isso quer dizer que o Copom não será complacente com a inflação", afirmou, durante entrevista que ocorreu no VI Fórum Banco Central sobre Inclusão Financeira.

● Câmbio

"A nossa reação (em relação à volatilidade do câmbio) contempla uma posição firme da política monetária."

Carlos Hamilton

DIRETOR DE POLÍTICA MONETÁRIA
DO BANCO CENTRAL

Hamilton disse ainda que o BC pode recalibrar a política monetária quando necessário. "No momento certo, o Comitê poderá recalibrar sua ação de política monetária de modo a prevalecer um cenário benigno para os próximos anos." Ele também sinalizou que poderá permanecer na instituição no segundo mandato da presidente Dilma e dar sequência ao trabalho que vem sendo feito. Disse que ele e os demais colegas da diretoria do BC estão trabalhando normalmente e que vão continuar na "mesma toada". "Nós temos grandes desafios pela frente", disse.

Sobre a política fiscal, Hamilton afirmou que o consumo do governo tende a arrefecer o descompasso entre produção e consumo, o que tem impacto direto sobre o custo de vida de maneira a amenizar preços. Ele afirmou que há um consenso no mercado de que o superávit primário (economia para pagar os juros da dívida pública) em 2015 será superior ao de 2014.

Sobre as questões envolvendo a Petrobrás e as possíveis consequências para os mercados, Hamilton disse que o BC ajuda o mercado, independentemente da fonte de volatilidade no câmbio. "A nossa reação contempla uma posição firme da política monetária", disse.



Discussão marca tentativa de mudança na LDO

O deputado Mendonça Filho (DEM-PE, à direita) bate boca com o presidente da Comissão Mista de Orçamento do Congresso, deputado Devanir Ribeiro (PT-SP, à esquer-

da). A Comissão discutia as mudanças na LDO propostas pelo governo que, na prática, o desobrigam de cumprir a meta fiscal. A reunião acabou sendo cancelada.